

## O FILME “VIVA ZAPATA”, MODERNIZAÇÃO MEXICANA E RESISTÊNCIA CAMPONESA EM INÍCIOS DO SÉCULO XX: ALGUMAS QUESTÕES

### RESUMO

O artigo tem como objetivo rever formas ocultas de resistência camponesa presentes no filme *Viva Zapata*, de 1952, dirigido por Elia Kazan. O enredo foca a Revolução Mexicana de 1910-1919 sob o ponto de vista do revolucionário Emiliano Zapata (1879-1919), e mostra as táticas de ação cotidiana usadas contra o exército mexicano, o que tornou o exército camponês imbatível em terras de Morelos e perpetuou um mito que, ainda hoje, é referência à resistência campesina mexicana.

**Palavras-chave:** campesinato, resistência, revolução mexicana, zapatismo

## MEXICAN MODERNIZATION AND PEASANT RESISTANCE IN THE BEGINNINGS OF THE TWENTIETH CENTURY: SOME ISSUES FROM THE FILM *VIVA ZAPATA*

### ABSTRACT

The article has as objective analyzing hidden forms of peasantry resistance showed in the film *Viva Zapata*, directed by Elia Kazan. The plot focuses the Mexican revolution from 1910-1919, under the view of a militant called Emiliano Zapata, presenting action tactics used against Mexican Army thru which the peasant army became invincible in Morelos lands, contributing to build a myth that still is a reference to the peasant Mexican resistance.

**Key words:** peasantry, resistance, mexican revolution, zapatism

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da resistência de grupos subordinados a outros vem cada vez mais despertando a atenção de cientistas sociais e tornando-se uma importante vereda de acesso para se pensar a relação entre dominantes e dominados. Os últimos anos vêm mostrando pensadores preocupados em repensar a resistência sob novos olhares e, inclusive, “descobrimo” novas formas de resistência subjacentes a uma aparente aceitação da dominação e observando que as partes interagem nesse processo e que circunstâncias diferentes produzem resistências diferentes. Ou seja, pensando com Ramalho & Esterici (1996) – com base em Simmel – devemos lembrar que aos dominados existe uma certa margem de liberdade de ação, a dominação é uma renegociação que produz um “conjunto de obrigações mútuas”:

“Assim, desde a esfera da produção, passando pela organização sindical e pelas expressões simbólicas, o caso de “dominação fabril” analisado por Cibele confirma que dominação tem mão dupla e atesta a complexidade de uma relação que é, antes de tudo, uma situação de interação, que não se esgota em concepções dicotômicas simplificadoras.”<sup>1</sup>

Entretanto, falar de resistência camponesa é pensar nos trabalhos de James Scott que muito contribuíram para a valorização do estudo das ações do cotidiano, mostrando que na maioria dos casos é a única opção de luta para grupos camponeses, dado o fato de que nela não se requer muita coordenação e planejamento e ainda pode-se evitar a confrontação com a autoridade estabelecida. Assim, Scott coloca na lista de prioridade do estudo de ações de resistência novas táticas tais como furtos, deserção militar, e outros processos sorrateiros aos quais recorrem os camponeses que estudou nos fins da década de 70 do século passado na Malásia, mostrando que podem ser individuais, clandestinos e informais. Além do mais, a resistência camponesa alterna momentos de aparente passividade – palco da resistência cotidiana – com outros momentos, revo-

lucionários, onde o discurso oculto torna-se público e mobiliza a comunidade – ou comunidades – para o confronto violento. Tal visão parece-nos muito importante na medida em que recupera formas alternativas – e desprezadas – de classes subordinadas de se relacionar com os setores dominantes da sociedade e não somente nos momentos de fúria que caracterizam o processo de rebeliões camponesas. Scott encontra nas ações do dia-a-dia a brasa que mantém acesa a possibilidade revolucionária e a defesa de uma visão de mundo que, reprimida duramente, sobrevive e se perpetua:

“Si la expresión “hablarte con la verdad al poder” tiene todavía un halo utópico, incluso en las democracias modernas, se debe sin duda a que rara vez se practica. El disimulo de los débiles ante el poder difícilmente es motivo de sorpresa, pues es tan ubicuo, de hecho, que aparece en muchas situaciones de poder en las cuales éste se ejerce de tal forma que el sentido ordinario de poder se vuelve irreconocible.”<sup>2</sup>

Com base nessa perspectiva pensamos em analisar o filme “Viva Zapata” (1952) que trabalha tanto as ações espontâneas, individuais e não violentas<sup>3</sup> e que “teatralizavam” a dominação quanto outras, premeditadas, nos momentos da Guerra Revolucionária durante os anos de 1909-1919 no sul do México. Ou seja, podemos ver como uma produção cinematográfica representou – em meados do século passado – uma forma de resistir ao projeto de modernização mexicana<sup>4</sup> e que essa resistência não se deu de forma apenas violenta mas também – como nos aponta SCOTT – de forma teatralizada, oculta; por isso, ao mesmo tempo em que sintetizamos o filme<sup>5</sup> procuraremos apontar tanto os problemas da modernização mexicana em inícios do século XX e a forma pela qual os camponeses – indígenas de do estado de Morelos – resistiram a ela.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO

O filme “Viva Zapata” foi produzido em 1952, com roteiro de John Steinbeck e direção de Elia Kazan. Trou-

<sup>1</sup> Ramalho & Esterici (1996)

<sup>2</sup> Scott (2005)

<sup>3</sup> Ou ao menos aparentemente não violentas.

<sup>4</sup> É necessário ressaltar que não estamos procurando analisar a “veracidade” dos fatos biográficos apontados pelo filme, mas como o filme constrói a imagem do camponês mexicano e suas formas de viver, agir e ver o mundo.

<sup>5</sup> Trabalhar com filmes na sala de aula tem se tornado cada vez mais um importante recurso para os professores e esperamos que este artigo possa de alguma forma colaborar com esse hábito.

xe à frente do elenco dois formidáveis atores: Marlon Brandon, representando o revolucionário Emiliano Zapata e Anthony Quinn, no papel de Eufemio Zapata, irmão de Emiliano<sup>6</sup>. É um filme centrado na vida do revolucionário nascido em 1879 no pequeno povoado de San Miguel Anenecuilco, no Estado de Morelos e que se tornou o líder dos camponeses indígenas em sua luta pela restituição das terras comunais.

Entretanto, à parte a vida do personagem histórico<sup>7</sup> optamos por analisar questões ligadas ao movimento de resistência camponesa que o filme evoca. Para tal, vale a pena discutir um pouco o contexto histórico que o filme aborda, pois em 1910 surgiram dois movimentos revolucionários que se enfrentaram durante o processo revolucionário: em primeiro lugar o projeto burguês representado principalmente por Francisco Madero, empresário nortista, representante de uma nova elite econômica em ascensão – os “homens de negócios” – cujo modelo de nação eram os Estados Unidos. O momento em que estoura a Revolução Mexicana – 1909 – é uma fase de transição no México, do presidente Porfirio Díaz – 1876-1910 – cujo lema “Pouca Política, Muita Administração” havia tido o apoio dos “científicos”, homens que, apoiados pelos princípios do positivismo, acreditavam que a modernização seria a solução para o subdesenvolvimento mexicano. Entretanto, a despeito do desenvolvimento econômico obtido pelo estado porfirista nas comunicações, transportes, fornecimento de energia etc – imprescindíveis para o desenvolvimento capitalista – o sistema político clientelista emperrava o desenvolvimento do mercado consumidor – graças ao sistema de privilégios/endividamento da “peonaje”, por exemplo, não abria espaço político – e econômico – para a participação dos setores de classe média e burguesa em ascensão<sup>8</sup>, que encontra em Francisco Madero e sua candidatura à presidência um porta-voz às suas aspirações. Entretanto, ao maderismo – e con-

tra Díaz – juntaram-se outros revolucionários cujos projetos entrariam em choque com essas “novas idéias”.

Em segundo lugar temos uma revolução popular-camponesa, no norte a de Pancho Villa que reivindicava reforma agrária e a entrega de “ranchos” para os pobres despossuídos pelo projeto de demarcação de terras efetuado por companhias de agrimensura, aliado a uma desapropriação e incorporação de terras a latifúndios – nacionais e estrangeiros – e sua transformação em grandes haciendas ou em minas. Já no sul desenvolveu-se o zapatismo como resposta às haciendas de açúcar que estavam tomando as terras do povoado – os “ejidos”<sup>9</sup>. Tal fato remete-nos ao processo de modernização pelo qual passou o estado na transição do século XIX para o século XX, quando veio a se tornar o terceiro maior produtor mundial de açúcar e o choque entre duas visões de mundo num momento em que o governo mexicano incentivava a modernização do país e cresciam as “haciendas” cuja produção voltava-se para o mercado externo, daí a necessidade de buscar novas terras para a produção extensiva, o que quase sempre era feito às custas das terras dos “pueblos”. O Estado sulista de Morelos – criado em 1867 – é bem pequeno, da ordem de 4.911 km<sup>2</sup>, formado por pequenos vales férteis, clima moderado e boa precipitação pluvial, de altitude variando de 900 a 1500 m. Nesse contexto, a “hacienda” foi se tornando vencedora:

A esta expansión territorial de las haciendas contribuyeron varios factores, entre ellos, la distribución de terrenos baldíos a encomenderos y empresarios agrícolas, las donaciones de tierra a la Iglesia por los caciques indígenas y las expropiaciones ilegales y legalizadas de tierras comunales indígenas. De una u otra forma, los empresarios agrícolas, laicos y clericales, se apropiaron de grandes extensiones territoriales de la región. La concentración de propiedades en pocas manos fue un proceso más complejo y discontinuo.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> A atuação de Brando é memorável, o que lhe valeu o prêmio no Festival de Cannes de 1952 e indicação ao Oscar naquele mesmo ano assim como Anthony Quinn, que viria a conquistar o Oscar de Melhor Ator coadjuvante.

<sup>7</sup> Zapata em alguns momentos assemelha-se aos mitos de Joana d'Arc ou o próprio Jesus Cristo, refletindo uma opção de John Steinbeck.

<sup>8</sup> O sistema de “peonaje” mexicano consistia numa relação de trabalho que dividia os trabalhadores em “peones de tarea” – contratados para tarefas específicas, ocasionais – e os “peones acasillados” – que moravam nas “haciendas” e tinham acesso à “tienda de raya” – espécie de armazéns de propriedade do fazendeiro – onde podiam comprar mercadorias o que os endividava, dívida essa transmitida aos filhos. Ou seja, era um sistema de manutenção de mão-de-obra através do endividamento.

<sup>9</sup> “Ejido” era um tipo de uso de terra comunal, com origem perdida no tempo, provavelmente pré-hispânica, e que o filme não mostra e nem discute.

<sup>10</sup> Melville (1979)

Vale lembrar que durante o período colonial, a Coroa Espanhola havia promulgado várias leis que tentavam, ao menos teoricamente, proteger as terras comunais dos “pueblos” indígenas como forma de conter o avanço dos colonos, o que colocaria em xeque o domínio espanhol. Entretanto, em inícios do século XIX, a partir dos processos de Independência os interesses dos “criollos” foram formando a base das jovens nações americanas. Com isso, no caso mexicano, as várias formas de uso da terra foram sendo combatidas pelos hacendados, principalmente as terras comunais – “ejidos” – que, não podendo ser vendidas – oficialmente – iam sendo usurpadas:

El resultado de estos procesos, que sólo he querido esbozar brevemente, fue la consolidación de grandes haciendas con una extensión promedio de 5 mil hectáreas en manos de un pequeño número de familias. Durante el porfiriato<sup>11</sup> se frenó el proceso de expansión territorial y se especializó en la apropiación de recursos más específicos, como el agua. La concentración de la propiedad, en cambio, persistió hasta 1910. En 1880, 28 familias de terratenientes eran dueñas aproximadamente de 40 haciendas y controlaban la mitad del territorio del Estado. Para 1909, el número de propietarios había bajado a 18. La extensión de estas propiedades familiares variaba entre las 68.181 hectáreas de la familia García Pimentel y las 651 hectáreas de Javier Pliego de Pérez<sup>12</sup>

Assim, se o maderismo representava a continuidade do processo de desenvolvimento capitalista em setores que o porfirismo emperrava, por causa do sistema de privilégios e apadrinhamento, também o projeto popular camponês tornava-se um entrave à visão liberal representada por Francisco Madero, Venustiano Carranza e Álvaro Obregón e aos demais “revolucionários” que dominariam a política mexicana por todo o século XX, relegando os generais Emiliano Zapata e Pancho Villa a uma posição de “heróis nacionais” ao mesmo tempo em que esvaziava seus projetos políticos.<sup>13</sup>

O enfoque interessante a ser observado no filme “Viva Zapata” é a oposição entre dois mundos aparentemente irreconciliáveis. Em seu transcorrer de cerca de 120 minutos mostra como o México estava dividido: de um lado a tradição e a circularidade de um modo de vida secular que

insiste em confrontar-se com o da modernidade e cuja simples existência constitui uma afronta a ela. Assim, através do filme podemos vislumbrar nas diferentes ações desse mundo um conflito permanente e cotidiano, que ocorre nos mínimos elementos e que muitas vezes nem é percebido pelo espectador.

### 3. E VIVA ZAPATA!

#### REIVINDICAÇÕES CAMPONESAS NA CAPITAL MEXICANA

O filme começa mostrando uma delegação do Estado de Morelos em audiência com o então presidente mexicano, Porfírio Díaz (1876-1910). Queixam-se os morelenses de uma “hacienda” que havia tomado as terras onde a comunidade plantava milho, com a finalidade de produzir açúcar. A dicotomia entre os dois mundos – o urbano/civilizado e o rural/atrasado toma conta de todo o filme. A reivindicação camponesa esbarra em códigos de um mundo novo que eles não dominam: contra a afirmação de um camponês de que as terras usurpadas estão “no vale, com uma rocha branca”, o presidente Díaz exige “fatos”, provas escritas, documentos, marcos de limites, alertando para um tempo que substituiu a crença na palavra dada pelos “fatos” que são o suporte de uma sociedade moderna e letrada, na qual tudo deve ser provado. Entretanto, ao mesmo tempo, o presidente não ousa dar permissão para que os camponeses invadam a “hacienda” em busca dos tais marcos de limites e, quando confrontado por Emiliano Zapata afirma ser apenas uma “sugestão”. A tensão atinge o ápice com a questão do tempo, pois a recuperação das terras, na visão do presidente, dar-se-ia através de provas, de tribunais e de muito tempo para que a justiça fosse feita, ao que Zapata imediatamente rechaça: “o tempo é um da justiça, outro do camponês e não se planta na época da colheita”. O consenso parece impossível, Zapata aparece ao presidente como um possível inimigo a ponto de ter seu nome marcado e, ao voltar para Morelos, ousa seguir a “sugestão” de Díaz e invade a hacienda em busca dos marcos de limites, iniciando o conflito, pois são atacados, levando-o a refugiar-se nas montanhas e tornando-se o “bandido” do qual o presidente desconfiava.

<sup>11</sup> Governo de Porfírio Dias (1876-1910)

<sup>12</sup> Melville (1979)

<sup>13</sup> Na verdade, estudiosos do assunto sugerem que tivemos duas revoluções no México: uma agrária e tradicionalista e outra, liberal e moderna, a vitória da segunda corrente de “revolucionários” dificultou a memória dos demais projetos em luta.

Nas montanhas de Morelos, escondido, Zapata recebe a visita do intrépido Fernando Aguirre, emissário de Francisco Madero que havia iniciado uma revolução contra a reeleição de Porfírio Díaz<sup>14</sup>. A cena mostra o encontro de dois homens absolutamente diferentes, de um lado o político Fernando Aguirre, letrado, erudito e conhecedor das artimanhas do poder e, de outro, Eufemio Zapata – irmão de Emiliano – rude e iletrado, disposto a matar Aguirre e a quebrar-lhe a máquina de escrever, “a arma da mente”, como diz o cidadão. A confiança de Zapata em Madero inicia-se pela visão de sua foto – “gosto do olhar dele” – embora apesar disso envie seu amigo Pablo Gómez até aos Estados Unidos falar com Madero<sup>15</sup>. Também nessas cenas, dignas de nota são as referências às forças da natureza – como a irritabilidade dos cavalos, à época do cio – e a rápida desmobilização dos rebeldes – três homens e uma mulher – já que cada um segue para um lado diferente, sem dar explicações a Aguirre, que encerra a cena comentando: “como são desorganizados!”

#### 4. LIÇÕES DE PRECONCEITO

Outro tema extremamente delicado abordado pelo filme é o racismo, pois embora o contingente indígena seja substancial na nação mexicana até hoje, o preconceito racial também o é. Emiliano Zapata coloca-se numa posição intermediária nessa situação: filho de rancheiros, gozou de uma relativa liberdade de ter podido escolher seus patrões – como tratador de cavalos – e ter vivido uma infância não tão precária como a dos camponeses índios. Era um mestiço que, embora tivesse uma posição social – e econômica – acima dos índios, com eles se identificava.<sup>16</sup>

O filme exhibe trechos de racismo explícito: ao tentar namorar Josefa, filha de rico comerciante, Emiliano recebe a seguinte resposta: “não quero terminar a vida amassando tortillas como uma índia. Volte quando puder me dar tudo

isso”. A cena deixa claro que Josefa gosta de Zapata, quer se casar com ele, mas também quer ter uma vida confortável. Já com o pai de Josefa – um rico comerciante – a conversa é ríspida e o preconceito racial soma-se ao social, colocando novamente Emiliano em confronto com um “outro mundo”, pois “mesmo que sejamos feitos do mesmo barro, um vaso não é um pote”. É claro que isso também denota as expectativas de um casamento com a elite branca e rica, o que Zapata percebe bem no filme ao responder ao pai de Josefa: “case-a com um negociante, torne-a a rainha dos empórios”, mas essa visão muda à medida que Zapata torna-se um general de sucesso.

No próprio local de trabalho de Zapata o preconceito aparece,<sup>17</sup> ao ver o capataz espancando uma criança apanhada roubando comida dos cavalos: “Preguiçosos, quando não estão roubando, estão dormindo”, se enfurece. De la Torre é um homem rico, fazendeiro e gosta de Emiliano e que, por isso, tenta modificá-lo, fazendo com que se desculpe. Ficamos com a impressão de que o radicalismo de Zapata, seu senso de justiça e lealdade são elementos que precisam ser trabalhados, “domesticados”, para que ele se ajuste ao novo mundo civilizado em que esses valores serão abandonados. E ele realmente busca se adaptar: “Não quero ser a consciência do mundo. Não quero ser a consciência de ninguém”. Entretanto, o personagem não pode fugir de seu destino, embora seu patrão o tivesse livrado dos “rurales” – polícia rural de Porfírio Díaz – o novo conflito em que ele se envolve é com relação ao velho Vicente, um camponês preso por cometer o crime de ter cruzado a cerca de uma fazenda para plantar milho, pois “o campo é como uma mulher, é difícil se convencer que não é mais dele”. Zapata interpela os guardas: – “O que ele fez?”

– Sei lá, eles estão sempre fazendo alguma coisa”.

O camponês é, potencialmente, um inimigo do Estado, e embora Zapata liberte Vicente, não impede sua morte e nem sua própria prisão.<sup>18</sup>

<sup>14</sup> Porfírio Díaz manteve-se na presidência de 1876 a 1910, sendo várias vezes reeleito, o que era inconstitucional.

<sup>15</sup> Ir até os Estados Unidos à cavalo, para um camponês que nunca saiu de Morelos é uma aventura e tanto.

<sup>16</sup> Tal identificação é tão forte que em 1909, num momento de grande tensão ele foi escolhido “calpuleque” da vila de São Miguel Anenecuilco, ou seja, a pessoa responsável pela guarda da documentação do povoado – parte dos documentos no dialeto nahuatl e parte outorgada pela Coroa Espanhola, que a delegação morelense entrega a Díaz.

<sup>17</sup> Sendo um bom conhecedor de cavalos, Emiliano é reconhecido por isso na região, trabalhando para o criador Donato de la Torre.

<sup>18</sup> Esses trechos podem sugerir a predestinação do personagem, fadado à Revolução, como Joana d’Arc ou Cristo, tema querido em Steinbeck, como apontado anteriormente.

## 5. A “FALTA” DE ORGANIZAÇÃO CAMPONESA

Enquanto Emiliano é amarrado e puxado pelos policiais, seu irmão, Eufemio, abaixa-se na praça e começa a bater duas pedras. O som se espalha e, aos poucos, vai mobilizando o povoado: por onde os policiais vão passando, juntam-se camponeses para acompanhá-los: sobem ou descem barrancos, saem detrás das árvores, por trilhos na mata, até que Zapata é acompanhado por uma multidão armada de paus, pedras e foices. Tal ação é explicada aos policiais por um camponês:

“Estamos guardando um prisioneiro, porque se ele tentar fugir teremos de atirar nele pelas costas. Não é assim, meu capitão?”

A resposta reflete a ironia com relação à ação da polícia: atirar pelas costas dos prisioneiros e alegar tentativa de fuga. Os camponeses intimidam os policiais, mas não infringem a lei, obrigam a libertação de Zapata, tornam-se zapatistas. Valendo-se de métodos comuns de resistência a povos dominados, uma resistência camuflada, oculta, secular:

De fato, cristãos ou não, os índios usaram sua linguagem, suas festas, seus bailes, a embriaguez, para manter vivas suas tradições e suas diferenças com os espanhóis. Por trás da simulação, a rivalidade e a recusa da cultura hispânica foram perenemente renovadas. Suas danças, e os espanhóis sempre se queixaram de que só sabiam dançar, eram um verdadeiro teatro dramático e cômico, que recuperavam e refaziam a memória e a robusteciam, mantendo essa identidade coletiva constantemente ameaçada pelo peso da cultura invasora e a necessidade dramática de vivê-la como simulação.<sup>19</sup>

E, mais do que isso, as ações simuladas dos campesinos zapatistas podem ser remetidas de encontro ao pensamento de Scott (1985):

Here i have in mind the ordinary weapons of relatively powerless groups: foot dragging, dissimulation, desertion, false compliance, pilfering, feigned ignorance, slander, arson, sabotage, and so on. These Brechtian – or Schweikian – forms of class struggle have certain fea-

tures in common. They require little or no coordination or planning; they make use of implicit understandings and informal networks; they often represent a form of individual selfhelp; they typically avoid any direct, symbolic confrontation with authority.<sup>20</sup>

O clímax da conversão de Zapata à revolução ocorre no episódio relacionado aos fios do telégrafo, pois seguramente os policiais avisariam seus superiores da sua libertação. No entanto, cortar os fios seria exatamente a aceitação da liderança revolucionária que, ao grito de “corte logo” tornar-se-á um rebelde ao mesmo tempo em que destrói um dos símbolos da moderna nação mexicana do porfirismo, o telégrafo.<sup>21</sup>

## 6. ZAPATA: UM REVOLUCIONÁRIO

Ao ter início o processo revolucionário, o filme deixa claro que o inimigo dos zapatistas não é somente Porfirio Díaz, pois retoma constantemente a perspectiva do choque não somente entre classes sociais antagônicas, mas entre etnias, conforme verificamos no tocante às alianças revolucionárias. A necessidade premente de armas e munições é ressaltada num assalto a um trem do Exército Federal onde são obtidas bananas de dinamite: memorável a cena em que mulheres zapatistas, com a alegação de vender ovos num quartel do Exército deixam cestas no portão, com a dinamite roubada e, num gesto heróico, uma das zapatistas – mesmo baleada – consegue jogar uma tocha no rastilho de pólvora que manda aos ares o portão do quartel e permite a entrada dos zapatistas.<sup>22</sup>

Junto com as vitórias, aumenta muito o prestígio de Emiliano que, durante as celebrações recebe “tortillas” das mulheres, presentes de todo tipo, incluindo porcos e galinhas. Numa delas destaca-se a figura de um menino que perdeu o irmão menor ao tomar uma metralhadora dos federais, tal postura representa bem a imagem do camponês mestiço mexicano: calado e olhando para o chão, recusa o leitão que Zapata lhe oferece de presente e diz, nos ouvidos de Eufemio, que quer de presente o cavalo do general:

<sup>19</sup> Bruit (1995)

<sup>20</sup> Scott (1985)

<sup>21</sup> Símbolos do desenvolvimento industrial são presentes em todo o filme, contrastando com o tradicionalismo camponês. Nesse caso, o telégrafo – um símbolo da modernidade e desenvolvimento – é atacado por Emiliano, tornando-o um revolucionário.

<sup>22</sup> Confirmando a fala inicial de um sargento, que alertava para o perigo quando o povoado estivesse muito quieto.

- O meu cavalo? Mas é um bom cavalo!
- É por isso que ele quer, reproduz Eufemio.

A cena bem retrata o estereótipo do camponês calado e insondável.<sup>23</sup>

Não é difícil compreender as origens desta atitude. Para o europeu, o México é um país à margem da História Universal. E tudo que se encontra distanciado do centro da sociedade aparece como estranho e indecifrável. Os camponeses, remotos, ligeiramente arcaicos em seu modo de vestir-se e falar, parcos, adeptos de expressar-se em forma e fórmulas tradicionais, exercem sempre certa fascinação sobre o homem urbano. Em todos os lugares representam sempre o elemento mais antigo e secreto da sociedade. Para todos, exceto para si mesmos, encarnam o oculto, o escondido, o que só dificilmente se entrega, tesouro enterrado, espiga que amadurece nas entranhas terrestres, velha sabedoria oculta entre as saliências do solo.<sup>24</sup>

O auge das comemorações ocorre com a chegada de uma carta de Francisco Madero pelas mãos de Fernando Aguirre, nomeando Emiliano Zapata general do Sul e encerra-se com muita festa e dança e o convite do pai de Josefa para que o general visite sua casa. Ao tornar-se um general, Emiliano por fim consegue permissão para frequentar a casa de Josefa e namorá-la, empreendendo um difícil trajeto social que o prestígio revolucionário lhe trouxe. Curiosamente, num namoro à distância, regado a refrigerantes e ditados populares trocado com as três mulheres da casa, ele exclama: “Cachorro que apanha é cachorro que aprende!”, lição que ele mesmo parecia aprender no decorrer da revolução.

Entretanto, ao final da luta, com o abandono de Porfirio Díaz e a eleição de Francisco Madero novamente as diferenças de visões entre eles se pronuncia, quando o presidente Madero tenta presentear Zapata com um rancho: “as terras por que lutei não eram para mim”, levando o general a ameaçar o presidente com um rifle e pegar o seu relógio: “sem isso – o rifle – o senhor não recupera o seu relógio” e, a seguir, a rispidez com que o general responde ao pedido de Madero para desarmar-se e, esperar, pois as devoluções de terras devem ser feitas dentro da lei e são demoradas: “Vou esperar, mas não por muito tempo”<sup>25</sup>. As diferenças entre Zapata e Madero tornam-se mais

marcantes quando o espectador vê que a saída de Zapata do gabinete presidencial é seguida pela entrada do general Huerta, antigo aliado de Porfirio Díaz e que agora integra o governo Madero, apontando para uma tendência comum na política latino-americana, o revolucionário Madero rompe – e procura desarmar – os setores mais radicais que o ajudaram na rebelião, aliando-se aos velhos porfiristas, os “científicos” que apoiavam o projeto porfirista de modernização do México, que se chocava com a visão camponesa de Zapata, a ponto do General Victoriano Huerta dizer: “Madero é um rato, um rato pode ser manipulado, Zapata é um tigre, é preciso matar o tigre”.<sup>26</sup>

O filme ajuda, assim, a construir a personagem de Francisco Madero como um homem honesto, querido pelo povo e ludibriado pelo general Victoriano Huerta. A bondade e ingenuidade de Madero acabam por encobrir as diferenças de visão e mesmo de mundo entre ele e Emiliano Zapata, pois Madero era um legítimo representante de uma nova classe de homens de negócios que, tendo como modelo de nação os Estados Unidos não poderia conciliar isso com o projeto zapatista. A boa vontade de Madero fica claro quando em visita a Morelos, durante o desarmamento zapatista, é recebido como Libertador e presenteia a uma mulher que perdera dois filhos e o marido na revolução com seu relógio, símbolo de prestígio e modernidade:

- Não posso aceitar: o relógio é muito valioso.
- Mais valioso que seus filhos?

Entretanto, é nesse exato momento – do desarmamento zapatista – que Huerta ataca Morelos e, posteriormente, assassina um atônito Madero. A trama do filme leva o espectador a perceber a incoerência do projeto camponês zapatista com as idéias de seus “aliados” e a acompanhar a decepção e angústia do general: incapacitado de fazer valer suas exigências também não consegue tornar-se um político e acaba tendo de fazer uma opção que, parece perceber, o condenaria à morte. A recusa a sentar-se na cadeira presidencial com Pancho Villa representa o horror ao poder e, quando uma delegação de morelenses vem à capital reclamar que seu irmão Eufemio tomou a fazenda Ayala, acaba repetindo – só que na posição inversa – o diálogo que tivera com o presidente Díaz anos antes:

<sup>23</sup> Tal estratégia remonta a um processo de resistência sub-reptícia que se iniciou com a Conquista Espanhola e que continua até hoje em relação ao mundo crioulo, conforme nos mostra Bruit (1995).

<sup>24</sup> Paz (1990)

<sup>25</sup> Novamente o tempo da modernidade.

<sup>26</sup> Mais uma vez aparece a comparação de Zapata a uma força da natureza, incontrolável.

– Quando tiver tempo vou tratar disso.  
– Esses homens não têm tempo, a terra não espera, diz o camponês Hernandez.

Ao perceber que tomara a mesma atitude de Díaz – inclusive marcando o nome de Hernandez – Emiliano trava um diálogo com Aguirre que definirá seu futuro:

– Em nome de tudo pelo que lutamos, não vá.  
– Em nome de tudo pelo que lutamos, eu vou.

Esse dilema – agora resolvido – já se esboçara desde seu casamento com Josefa: a preocupação do general devido ao fato de não saber ler e ter de enfrentar os homens letrados de Madero. Isso remete a uma problemática mais ampla que limita os movimentos camponeses até hoje: a participação nas esferas governamentais de decisões, a preocupação que Zapata compartilha com Josefa é a de não saber lidar com a política ou fazer o jogo político daqueles que defendem interesses econômicos opostos ao seu, sendo essa exatamente uma contradição nascida nas ações alternativas, e às vezes ilegal, muitos movimentos sociais crescem de tal forma que acabam se colocando a perspectiva da participação política no âmbito nacional. Com o zapatismo isso ocorreu e foi problemático especialmente devido à pouca visão de nação mexicana que o general possuía, além do paradoxo da crítica ao poder.<sup>27</sup> Ao voltar a Morelos, Emiliano depara-se com Eufemio:

– Tomou a terra desses homens?  
– Sim, tomei as mulheres também.  
– Por que?  
– Porque vencemos Díaz e ele é um homem rico na Europa. Huerta vive nos Estados Unidos. E eu sou um general e o que tenho? Nem pó no meu bolso. Vou agir como um general e tomar o que quiser.

Ao expulsar o irmão da fazenda, Emiliano mostra-se um homem cansado:

“Esta terra é de vocês, devem protegê-la  
Não será de vocês por muito tempo se não protegê-la  
(...) Se sua casa foi queimada construa outra...  
Homens fortes, sem defeitos...  
Eles mudam, eles desertam, eles morrem  
Um povo forte é a única força invencível.”

Disposto a tudo pela revolução que liderara, Emiliano perde inclusive seu próprio irmão, baleado quando saía da

hacienda Ayala:

– Vamos enterrá-lo como um general.  
– Ele não morreu em combate, levo ele prá casa comigo.

Realizando-se a previsão de Aguirre – “Saia agora e esta noite seus inimigos estarão nesta sala, tramando contra você” – agora é o General Venustiano Carranza que – com a ajuda de Aguirre – trama o assassinato de Zapata, pois fica patente a dificuldade de se derrotar os zapatistas no campo de batalha: “Como se pode lutar contra um inimigo que não se vê?”. Se os soldados queimam as casas dos zapatistas, eles as reconstrõem, se buscam soldados encontram camponeses arando a terra e, quando menos esperam, são atacados. Assim, no combate em terreno conhecido, com ataques repentinos em rápida mobilização, um exército de camponeses-soldados não poderia ser derrotado. Assim, os inimigos encontram a solução ideal: a traição. Aproxima-se a hora do encontro com o coronel Jesus Guajardo, que diz querer passar para o lado zapatista. Mas é apenas uma armadilha, e as armas e munições do coronel foram a isca perfeita para Emiliano. Antes de ir ao encontro de Guajardo, ele conversa com Josefa e com Hernandez:

– Se alguma coisa te acontecer, o que acontecerá com essa gente?  
Pergunta Josefa.  
– Eles mudaram, é como as coisas mudam: lentamente. Um homem forte é para um povo fraco, um povo forte não precisa de homens fortes  
– E se alguma coisa me acontecer? Pergunta Zapata a Hernandez.  
– A gente se arranja, e um dia voltamos para o nosso vale e até lá a gente vai ter de sobreviver, responde Hernandez.”

A persistência e lealdade à causa camponesa é algo que deve sobreviver à morte de Zapata, abatido no pátio da fazenda Chinameca por cerca de 1000 soldados. Morre o homem, nasce o mito.

## 7. UM FANTASMA MEXICANO

Mesmo morto, o filme enfoca a insatisfação do traidor Aguirre, pois o cavalo de Zapata foge, deixando margem à crença popular de que o cavalo procurará por seu dono, até encontrá-lo. A crença em Zapata não permite que se

<sup>27</sup> Tal dilema também ocorre com o Exército Zapatista de Libertação Nacional em Chiapas (México) que se vê na perspectiva de vir a disputar eleições, assim como ao movimento cocalero boliviano, que elegeu Evo Morales presidente da Bolívia, entre outros exemplos.

acredite em sua morte, pois “às vezes, um morto pode ser o pior dos inimigos”.

O corpo é exposto publicamente, mas não convence o povoado da morte de seu general:

“Quem eles pensam que enganam? Retalhado desse jeito pode ser qualquer um. Ele enganou todo mundo.

Tem certeza?

Cavalguei com ele, lutei com ele esses anos todos. Eles pensam que podem me enganar. Não podem matar ele.

Nunca vão pegar ele.

Pode-se prender um rio, pode-se matar o vento?

Não, ele não é um rio, nem é o vento, ele é um homem. E mesmo assim não podem matar!

E onde é que ele está?

Está nas montanhas. Agora a gente não pode encontrar ele. Mas quando a gente precisar dele, ele volta.

É, está nas montanhas!

O filme encerra com a cena do cavalo nas montanhas de Morelos antevendo aquilo que viria a acontecer na história mexicana: a crença no retorno do general para um dia liderar novamente seu povo. Vejamos o trecho da entrevista de Francisco Julião com um ex-zapatista:

Eu estava olhando com cuidado quando saiu o sentinela. E me leva, e lá dentro tiram a toalha que cobria o morto, e tinha gelo no estômago, e gelo na mão, e eu comeci a reparar: este dedo não é do chefe, este dedo ele não tinha, pois um arreio de cavalo bravo tinha levado a ponta e este estava todinho ali... Não, aquele morto não era. E o general Zapata era moreno, comprido, com bigodes... e tinha uma pinta... não, aquele não era meu general. E então vem um deles e pergunta: “É ele?”, e eu respondo: “Sim, é ele sim”. E um deles me pergunta: “De verdade?”, e eu digo: “Sim, sim, de verdade, é ele sim”. E me deixam ir embora.

– E o senhor diz que não era?

– Não, não era. Perguntaram, disse que sim, mas eu conhecia meu general e aquele morto não era.

– E o que terá sido feito do general?

– Pois ele foi-se embora. Parece que foi com um compadre para a Arábia. O compadre dele era árabe, andava com a gente por aqui.

E quando Sandino esteve lutando, lá estava Zapata,

com ele. E Sandino triunfou porque Zapata estava dizendo para ele o tempo inteiro como é que deveria ser conduzida aquela luta.

– E Zapata já morreu ?

– Pode ser que sim. Dizem que voltou a Cuautla, voltou para sua casa.

– Mas, se não morreu deve estar bastante velho, não é?

– Está velho. Velho, e depois tirou os bigodes. Dizem que quando chegou vinha disfarçado de mendigo... Chegou de volta em sua casa, sem avisar ninguém, mas acho que sua gente já sabia...<sup>28</sup>

O homem torna-se mito:

En cuanto su propia tierra cubrió el cuerpo de Emiliano Zapata comenzó la creencia indesarraigable: Zapata no murió en Chinameca y aún cabalga de noche por las montañas del sur en su caballo blanco. Ninguna lápida oficial aplacará a su fantasma. Zapata no dejará de cabalgar hasta que de verdad se haga justicia.<sup>29</sup>

## 8. CONCLUSÕES

O filme “Viva Zapata”, concluído em 1952, continua sendo tão atual quanto o movimento camponês que ele procurou enfocar, pois a questão indígena ainda é importante no contexto latino-americano. A morte de Zapata transforma-o num mito, como nos sugere James Scott ao propor que há um momento em que a aparente passividade camponesa atinge um limite e o que era dito “às costas do poder” passa a ser dito “cara a cara” e aí surge a possibilidade do confronto armado. Uma vez detonada, a revolução é radical e violenta, mas se for massacrada – e muitas o foram – tende a criar mitos que manterão acesas as chamas da esperança da mudança e, talvez séculos depois detonem novos movimentos. Se Emiliano Zapata tornou-se um mito para os indígenas mexicanos, não foi o único: o mesmo pode-se dizer de Tupac Katri para os povos quechuamará e de Lautaro para os mapuche:

A morte individual traz o elo de ligação para com a comunidade e, de certa forma, ela deixa de ter importância, pois o indivíduo desaparece para que a comunidade sobreviva. Assim, o mito é o modelo a ser seguido por todos – e em todos os tempos – que superam sua indivi-

<sup>28</sup> De uma conversa entre Francisco Julião e Enílío Martínez Salgado, capitão do Exército Revolucionário do Sul, em Cuautla, 1974. in Nepomuceno (1982).

<sup>29</sup> José Emílio Pacheco in Rojo, Castro & Martínez (1996)

dualidade para se tornarem a própria comunidade, talvez revivendo o mito asteca do sacrifício, em que o sacrificado tornava-se a própria divindade à qual a comunidade homenageava e, por isso, o indivíduo não morre, apenas transforma-se no mito que, na verdade, corporifica a comunidade.<sup>30</sup>

Por isso, quando um novo movimento camponês indígena irrompe atualmente em alguma parte da América, a fala dos rebeldes, seus símbolos e ações deixam num segundo planos as diferenças de tempo e espaço para com os movimentos antigos e retomam o tema presente do racismo e da miséria, mostrando que numa tradição em que o tempo aparece de forma circular – e daí a importância do renascimento dos mitos – os homens e as mulheres de hoje continuam sendo os homens e as mulheres de ontem.<sup>31</sup>

Desde 1994 o Exército Zapatista de Libertação Nacional está em ação na Selva Lacandona, no Estado de Chiapas, sul do México. Ao grito de “Ya Basta!” tomou várias cidades da região mais pobre do México, reivindicando escolas, saúde, fim caciquismo e, dignidade... Sob a liderança militar do subcomandante Marcos – um ex-professor universitário que se diz “indianizado” pelos ativistas maias – foi repellido pelo Exército Mexicano e conta com apoio de vários movimentos sociais internacionais aos quais pediu socorro através da Internet, já que no início do século XXI os movimentos étnicos indígenas ressurgem com grande força e talvez como nunca antes na História do continente, inclusive com a possibilidade real de atingir o governo em seus países – a exemplo da Bolívia, Peru e Equador – levantando dilemas que talvez fossem inimagináveis nos séculos anteriores. Ao buscar a memória do revolucionário Emiliano Zapata, Marcos reitera a problemática da marginalização indígena que há mais de 500 anos se repete no continente americano, aliado ao racismo perpetrado contra essa etnia, por isso para os neozapatistas é importante a imagem do general:

Fue y es el general Emiliano Zapata el símbolo de los que luchan por lo que creen hasta sus últimas consecuencias.

El símbolo de los que no se venden.

El símbolo de los que resisten.

El símbolo de los que no se rinden ni bajan banderas.<sup>32</sup>

A questão da resistência indígena tem sido repensada por analistas do passado latino-americano e também agora por pensadores da contemporaneidade: o filme levanta a questão da resistência, de como o General Emiliano Zapata valeu-se das particularidades do Estado de Morelos para executá-la, das peculiaridades do terreno, da lealdade do camponês a seus ideais e companheiros, da importante ação das mulheres na luta revolucionária, da adequação de armamentos e munições ao tipo de luta etc. Coloca ainda, por outro lado, a problemática da revolução em busca de terras e justiça com a ação política institucionalizada, que continua sendo hoje um problema para os diferentes tipos de organização camponesa. Defender a terra dos ancestrais, exigindo sua devolução, é também exigir o reconhecimento de uma cultura secular, de formas de ver o mundo, religiosidade e, ainda, de formas “arcaicas” de se produzir neste mundo, de uma resistência que “se adapta” ao tempo, pois enquanto Emiliano lidava com os símbolos da modernidade mexicana de inícios de século XX – relógios, trens e telefones – os neozapatistas lidam com computadores, Internet e automóveis. A rebelião que se desenrolou nos campos de batalha de Morelos de certa forma continua a ocorrer nas Selvas Lacandonas latino-americanas e o filme “Viva Zapata” é um excelente meio de se observar as imagens de um drama arcaico e, ao mesmo tempo, moderno e genuinamente americano.<sup>33</sup>

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUIT, H. Bartolomé de las Casas e a simulação dos vencidos. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Iluminuras, 1995.

MELVILLE, R. Crecimiento y rebellion: el desarrollo económico de las haciendas azucareras en Morelos (1880-1910). Mexico: Centro de Investigaciones del desarrollo rural & Editorial Nueva Imagen, 1979.

<sup>30</sup> Do Nascimento (2001)

<sup>31</sup> A esse respeito sugerimos a leitura de SCORZA, Manuel. A Tumba do Relâmpago. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

<sup>32</sup> [www.ezln.org/](http://www.ezln.org/) (10/04/1999)

<sup>33</sup> Uma discussão mais pormenorizada acerca da utilização do mito de Emiliano Zapata pelos zapatistas de Chiapas – ou neozapatistas – pode ser visto em nosso outro artigo citado (2001).

NASCIMENTO, C. G. do. Revista ARIÚS, Campina Grande, n.10, p.72-78, 2001.

NEPOMUCENO, E. Zapata: Tierra y Libertad. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NUNES, A. As Revoluções do México. São Paulo: Perspectiva, 1980.

PAZ, O. Signos em Rotação. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RAMALHO, J. R.; ESTERCI, N. A Resistência em campo minado. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.32, ano 11, p.83-88, 1996.

ROJO, A. C. de; CASTRO, R. L.; MARTÍNEZ, J. L. Zapata: Iconografia. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

SCOTT, J. Weapons of the Weak: everyday forms of peasant resistance. Yale University Press : New Haven and London, 1985.

SCOTT, J. Los dominados y el arte de la resistência. México: Ediciones Era, 2000.

SCOTT, J. Formas cotidianas da resistência camponesa, Raízes-Revista de Ciências Sociais e Econômicas Campina Grande, n.21, 2002.

WOMACK Jr., J. Zapata e a revolução mexicana. Lisboa: Edições 70, 1988.